

Filho da Rua: um Olhar sobre o Marginalizado no Conto “Di Lixão”, de Conceição Evaristo¹

Son of the Street: a Look upon the Marginalized in Conceição Evaristo’s Tale “Di Lixão”

DANIELLE GOMES MENDES

Mestranda em Cultura e Sociedade (PGCult/UFMA)
daniellegomesmendes@hotmail.com

GABRIEL VIDINHA CORRÊA

Mestrando em Cultura e Sociedade (PGCult/UFMA)
gabriel.vidinha@hotmail.com

RESUMO

O seguinte trabalho trata de uma análise acerca da experiência do marginalizado – menino de rua – e a sua relação com o espaço e o *outro* em seu contexto de deslocamento, retratado no conto “Di Lixão”, presente no livro *Olhos d’água* (2015), da autora afro-brasileira Conceição Evaristo, que, nos meandros de sua *escrivivência*, encena as anomalias vividas por muitos na periferia da sociedade brasileira, vítimas da desigualdade e exclusão. Este trabalho se preocupará em mostrar as experiências do marginalizado na narrativa de Evaristo - neste caso o menino Di Lixão, quando de seus últimos momentos de vida figurados em uma dolorosa morte, causada por um dente inflamado. Há ainda uma rememoração de experiências dolorosas do passado, protagonizada pela intensa dor que lhe consome a vida, reafirmando, portanto, sua condição de menino de rua marginalizado em uma circunstância de solidão. Para além, suas reminiscências estão sempre ligadas à dor, quer seja física, quer sejam dores da alma, vinculadas principalmente à figura materna, por quem sente ojeriza. Paradoxalmente é percebida sua relação de pertença e afetividade com a rua, isto é, a margem da sociedade, lugar em que se consolida sua relação existencial com a Terra, por conseguinte, sua morte. Esses aspectos serão percebidos à luz da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica e dos Estudos de Identidade, sobretudo, das identidades subalternas, dando atenção aos sentimentos e sensações que o personagem Di Lixão estabelece com as pessoas, a favela e a rua, atentando-nos às categorias de espaço, lugar e a situação de deslocamento social. Portanto, esta análise utilizará como pressupostos teóricos, principalmente, os apontamentos de autores como Eric Dardel (2015), Yi-Fu Tuan (2012, 2013), Edward Relph (2014), Ana Paula Coutinho (2018), Clarice Cohn (2005).

Palavras-chave: Espaço-Lugar. Deslocamento social. “Di Lixão”. Conceição Evaristo.

ABSTRACT

The following work deals with an analysis about the experience of the marginalized – homeless boy - and its relationship with space and the other in its displacement context, portrayed in the tale “Di Lixão” present in the book *Olhos Água* (2015) Afro-Brazilian author Conceição Evaristo, who in the intricacies of her writing writes the anomalies experienced by many in the periphery of Brazilian society, victims of inequality and exclusion. This paper will focus on showing the experiences of the marginalized in Evaristo's narrative - in this case the boy Di Lixão, when in his last moments of life figured in a painful death caused by an inflamed tooth. There is still a recollection of painful experiences of the past led by the intense pain that consumes his life, thus reaffirming his condition as a street kid marginalized in a circumstance of loneliness, besides, his reminiscences are always linked to pain, whether physical or physical. whether they are pains of the soul, linked mainly to the maternal figure, by who feels antipathy. Paradoxically its relation of belonging and affection with the street is perceived, that is, the margin of the society, place in which its existential relation with the Earth is consolidated, therefore, its death. These aspects will be perceived in the light of the Humanistic Cultural Geography, based on phenomenology and Identity Studies, especially the subaltern identities, paying attention to the feelings and sensations that Di Lixão character establishes with people, the favela and the street, paying attention to the

¹ Artigo submetido para avaliação em 10/10/2019 e aprovado em 20/10/2019.

categories of space, place and the situation of social displacement. Therefore, this analysis will use as theoretical assumptions, mainly, the notes of authors such as Eric Dardel (2015), Yi-Fu Tuan (2012, 2013), Edward Relph (2014), Ana Paula Coutinho (2018), Clarice Cohn (2005).

Keywords: Space-Place. Social displacement. “Di Lixão”. Conception Evaristo.

1 INTRODUÇÃO

Não faltam cores a esta paisagem. Porém, nem só de cores. Há dias tão duros como o frio deles, outros em que não se sabe de ar para tanto calor: o mundo nunca está contente, se o estará alguma vez, tão certa tem a morte.
(José Saramago – *Levantado do chão*)

O deslocamento social ainda é uma das grandes problemáticas enfrentadas por uma parcela significativa da população brasileira contemporânea, sobretudo, por aqueles que estão fora dos lugares de privilégio e pertencem às minorias. Essa desigualdade permanece diretamente relacionada às questões socioeconômicas, étnicas e de gênero.

Nessa perspectiva, lugares são imputados e aqueles que estão fora do poder são relegados às margens e considerados uma exceção da sociedade. Dentre esses indivíduos destacam-se os negros, as mulheres, favelados e aqueles que pertencem às classes econômicas menos favorecidas, de uma forma geral. Para essas pessoas as dificuldades e fronteiras são exponenciais e, muitas vezes, dependendo do indivíduo, a subalternidade pode se apresentar de forma múltipla; a título de exemplo, a situação da mulher negra e favelada.

Essas problemáticas acerca da condição de relegação e deslocamento social têm servido como matéria-prima para muitos escritores brasileiros, principalmente, para aqueles que experimentaram situações de subjugação e/ou pertencem a alguma minoria. Dentre esses, Conceição Evaristo tem se destacado com suas obras que buscam enaltecer a figura do negro brasileiro e dar voz às minorias silenciadas. Por meio de sua *escrivência* – termo cunhado pela autora que expressa a peculiaridade de sua produção literária –, Evaristo tem desnudado as situações de descaso e desigualdades, muitas vezes, ignoradas pela sociedade brasileira, como exemplo: a dupla subalternidade da mulher negra; o abandono e descaso com as crianças pobres; a violência doméstica e a discriminação racial contra os afrodescendentes.

Os espaços escolhidos pela autora para o desenrolar de suas tramas são sugestivos e propositais, projetam a realidade brasileira e atribuem verossimilhança a sua ficção politizada, quais sejam, as favelas, morros, barracos, as ruas funcionando como lar para crianças, dentre outros lugares marginalizados.

Diante disso, interessa-nos nesse estudo o espaço-lugar habitado por indivíduos que estão deslocados socialmente, logo, lugares que estão às margens e como esses sujeitos estabelecem sentimentos de afetividade e enraizamento por esses espaços-lugares que reafirmam sua exclusão e rejeição ou, como pontua a professora e pesquisadora Ana Paula Coutinho (2018), a condição de “exiliência”, isto é, a consciência e condição de quem vive fora, que está às margens.

Assim sendo, como objeto de análise e reflexões do presente trabalho, elegemos o conto “Di Lixão”, um dos quinze contos da premiada obra *Olhos d’água* (2018), de Conceição Evaristo. Nessa narrativa nos deparamos com a história de um menino de rua, que não possui vínculos afetivos familiares, porém sente-se enraizado e pertencente às ruas, lugar que escolheu como seu lar. Vitimado pelo descaso e a triste realidade das pessoas em situação de rua, um motivo banal lhe reserva um desfecho trágico. Por intermédio dessa obra iremos investigar o personagem Di Lixão em sua condição de deslocamento e sua relação com os espaços-lugares pelos quais transita e com as pessoas.

Como aporte teórico para essa análise utilizamos os pressupostos da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, aliados aos Estudos Literários. Destacam-se nesse trabalho os apontamentos de Yi-Fu Tuan, Eric Dardel, Edward Relph, Ana Paula Coutinho, Clarice Cohn.

2 O ESPAÇO/LUGAR DO MARGINALIZADO

Para adentrarmos nas discussões acerca da percepção do lugar do marginalizado, precisamos recorrer a conceitos importantes, tais como: Espaço e Lugar, teorizados pela Geografia Humanista Cultural, de abordagem fenomenológica, que é um ramo da ciência geográfica que se dedica ao estudo da relação íntima do homem com o lugar. Tudo isso para desvelar o texto literário de Conceição Evaristo, com vistas à compreensão do lugar do marginalizado no conto “Di Lixão”, bem como os complexos que envolvem o mundo vivido à margem.

Assim, teceremos importantes contribuições sobre o estudo do espaço e do lugar, primeiramente, a partir do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan que, no seu clássico *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2013), diferencia os dois conceitos sob o viés da experiência. Para ele:

“Espaço” e “Lugar” são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. [...] O lugar é segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é o lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. (TUAN, 2013, p. 11)

Percebemos que é no lugar que residem as mais fortes ligações humanas, uma vez que figura a segurança e, sobre isso, é importante destacar que cada pessoa manifesta o fenômeno do lugar de forma particular, pois, no momento em que o espaço apresentar fortes indícios de segurança, sentimentos e pertencimentos, torna-se lugar. A partir dessas concepções de espaço e lugar, surge o sentimento da Topofilia.

Do pressuposto da subjetividade se manifesta o conceito de Topofilia, muito importante para Tuan que destaca: “*Topofilia* é o elo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 2012, p. 19, grifo do autor). A experiência é o principal aspecto para compreendermos os sentimentos topofílicos, dada a individualidade de quem experiencia. Em dualidade com o sentimento topofílico, surge a Topofobia, materializada pelo sentimento de aversão ao lugar. Para Lívia de Oliveira (2012, p. 12): “Conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico”.

É digno observar que a experiência dos que vivem à margem funciona da mesma forma como condição para perceber o mundo. Tuan, em “Space and Place: humanistic perspective” (1979, p. 388), destaca o valor da experiência: “Experience is the totality of means by which we come to know the world: we know the world through sensations (feeling), perception, and conception²”.

O geógrafo francês Eric Dardel traz uma abordagem também fenomenológica acerca da relação do homem com o lugar em seu clássico *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (2015), para quem todas as relações humanas existenciais estão ligadas à Terra, ou seja, para viver com bem-estar, é necessário ocupar um lugar e dotá-lo de valor, pois é nele que residirá a base da existência. Habitar é, portanto, a melhor forma de significar o mundo.

Dardel também cunha um termo importante para empreendermos um olhar sobre o lugar: a Geograficidade, que é a cumplicidade que liga o homem à Terra:

Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida.

² “A experiência é a totalidade dos meios pelos quais passamos a conhecer o mundo: conhecemos o mundo através de sensações (sentimentos), percepção e concepção” (TUAN, 1979, p. 388, tradução nossa)

Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue. (DARDEL, 2015, p. 31, grifo do autor)

A ideia da Terra, nesse sentido, estabiliza a existência humana, pelo fato de o andamento da vida estar condicionado à percepção da geograficidade. Assim, experienciar o mundo é inscrever-se na topografia do ser íntimo, como diria Bachelard (2008) e à Terra cabe um lugar de relevo, pois, sem sua concepção, não existe o eu, haja vista que “A geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo” (DARDEL, 2015, p. 31).

Outra concepção de lugar nos é apresentada por Edward Relph (2014, p. 29), para quem “Lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo”. Assim, o lugar possui atributos que o autor chama de Lugaridade, que são as qualidades de elevar um espaço ao nível de lugar e, quando esses atributos são percebidos de forma fraca ou inexistente, para o indivíduo, cabe denominar de lugar-sem-lugaridade.

A lugaridade, assim como a topofilia, a geograficidade e outras categorias interligadas, formam um todo para entendermos as diversas formas sobre as quais o homem postula valores e significados acerca do espaço e do lugar. Logo, a partir dessas discussões, voltamos nossos olhares para o lugar do marginalizado, para os marcadores sociais da diferença, além das relações sociais como um todo.

Suscitadas tais observações, algumas questões nos vêm à tona, tais como: Qual o lugar do marginalizado? Como os que vivem à margem expressam um lugar? As identidades subalternizadas figuram pertencimento sobre um lugar? Esses e outros questionamentos nos farão refletir sobre os socialmente deslocados no conto de Conceição Evaristo.

Ana Paula Coutinho, em “Espaços dos que não têm lugar: uma geografia da exiliência”, tece diferentes leituras dos que vivem em situação de deslocamento. Para ela as diferenças entre classes sociais também materializam a condição de exiliência: “[...] condição e/ou consciência de quem se sente e/ou vive fora, quer dizer à margem ou longe do seu lugar” (COUTINHO, 2018, p. 184). Para entendermos o mundo vivido à margem, é necessário, portanto, compreendermos que por razões práticas os indivíduos nessa condição, segundo Coutinho (2018, p.183), “costumam fixar-se às portas da cidade, ou seja, na periferia”.

É, pois, da periferia que partiremos nossa análise de “Di Lixão”, haja vista que uma visão holística cosmopolita não absorve o lugar do subalterno, que influencia diretamente na sua identidade, pertencimento e outras categorias da experiência humana.

Assim, espaço, lugar, identidade, pertencimento, topofilia, dentre outras categorias, darão ensejo para um olhar fenomenológico acerca da subalternidade, tema tão recorrente na literatura de Conceição Evaristo, haja vista o lugar de destaque dos subalternizados em sua produção.

3 A LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Conceição Evaristo nasceu Maria da Conceição Evaristo na periferia de Belo Horizonte, em Minas Gerais, no ano de 1976. Oriunda de uma pobre família, sua mãe e tias trabalhavam para famílias brancas e abastadas. Eram lavadeiras. Ainda menina, por volta dos oito anos de idade, Evaristo também desempenhou o mesmo ofício e mais tarde tornou-se empregada doméstica.

A biografia da autora justifica, sobremaneira, as temáticas presentes em sua arte literária, tendo conhecido desde cedo o contexto de exclusão vivenciado pelas pessoas negras. Quando cursou a escola primária, era a única menina negra do colégio e, durante o ensino médio, teve que interromper os estudos diversas vezes, mas, após uma longa e árdua jornada, conseguiu a graduação em Letras e, posteriormente, mestrado e doutoramento.

Evaristo estreou na literatura como autora com a publicação de contos e poemas nos *Cadernos Negros 13*, no ano de 1990. Seus primeiros romances só foram publicados nos anos 2000, quais sejam, *Ponciá Vicêncio*, em 2003 e *Becos da Memória*, em 2006, mas foi o seu livro de contos *Olhos d'água* (2014) que a consagrou na literatura brasileira, inclusive, foi o livro vencedor na categoria contos no aclamado Prêmio Jabuti, em 2015. Atualmente, suas obras estão sendo traduzidas para diferentes países, fato que tem contribuindo para que a literatura afro-brasileira seja (re) conhecida internacionalmente.

Sobre o hùmus de sua obra no artigo intitulado “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita” (2007), a autora declara que “a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em minha casa e adjacência” (EVARISTO, 2007, p. 18). Desse modo, a consciência de sua condição de rejeição, enquanto mulher, negra e oriunda da favela, aparece constantemente em suas composições literárias. Essa característica de sua

produção artística ela nomeia como *escrevivência*. Segundo a professora Rosemere Ferreira da Silva³ (2017, p. 20),

Neste processo de criação, as vivências são as experiências de existência de um dado sujeito ou do sujeito e de seu coletivo transpostas para o texto literário. No entanto, a escritora não se coloca a falar de qualquer sujeito. Ela constrói narrativas para sujeitos que teoricamente estariam à margem da cultura da modernidade. Desse modo, a “escrevivência” de Conceição Evaristo pode ser entendida como um conceito que propõe explicitar e discutir as trajetórias das histórias de afro-brasileiros, criadas pela dinâmica do movimento diaspórico no Brasil [...].

Conquanto, tanto na prosa quanto na poesia, Evaristo enaltece o negro brasileiro, bem como, por intermédio de suas obras, busca a valorização da cultura, identidade e legado afrodescendente no Brasil. Ela dá voz àqueles que estão alijados dos lugares de privilégio, seja por razões étnicas, econômicas ou de gênero, considerando tanto as experiências do povo negro brasileiro de uma forma geral, quanto as suas próprias.

Uma característica peculiar de sua poesia é a presença de constantes reminiscências de sua infância e trajetória. A título de exemplo, o poema *Vozes-Mulheres*⁴ (1990), em que há uma saudosa rememoração sobre a vida das mulheres lavadeiras de sua família.

Na prosa evaristiana, os enredos são protagonizados por personagens marginalizados, geralmente negros, que vivenciam diferentes situações, principalmente, quanto às questões de descaso social e preconceitos. Conforme acentuam as professoras e pesquisadoras Claudia Letícia Gonçalves Moraes e Fernanda Ferreira Souza no artigo “Desigualdade social e violência na literatura negra brasileira: uma análise da infância perdida em contos de Conceição Evaristo” (2018, p. 102-103), publicado pela revista *Kwanissa*,

A literatura de Conceição Evaristo é notória tanto por seu registro estético-literário quanto por suas marcas profundamente mergulhadas nos problemas sociais de grande parte da população negra do país, num projeto literário que empreende uma ficção-verdade que perpassa todos os gêneros produzidos pela autora.

Destarte, suas histórias trazem à tona as dificuldades enfrentadas por aqueles que estão em condição de subalternidade e lutam diariamente contra a exclusão e discriminação racial. Os cenários escolhidos para o desenrolar das narrativas são locais que projetam esse contexto de deslocamento social, como exemplo, favelas, morros, barracos e até a rua como lar dos desabrigados.

³ Professora doutora do Departamento de Ciências Humanas – *Campus V* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

⁴ Poema presente em *Cadernos Negros 13*, 1990, p. 32-33.

Esses elementos são encontrados de forma explícita no livro supramencionado, *Olhos d'água* (2015). A galeria de personagens construída por Evaristo, nessa obra, enfatiza a diversidade: são homens e mulheres negros, favelados, crianças pobres, meninos de rua e outras figuras que refletem a realidade da periferia brasileira.

Dentre as quinze narrativas reunidas nessa obra destacamos “Di Lixão” (2015), objeto de investigação dessa análise. No referido conto, Evaristo elege como protagonista o ser mais suscetível a danos de uma sociedade, qual seja, uma criança, mais especificamente um menino de rua que é levado à morte por um motivo banal.

A análise a seguir se preocupará em investigar o espaço-lugar do personagem Di Lixão e a trajetória de sua morte, assim como seus sentimentos quanto às suas relações com os outros e com as ruas, lugar em que se enraizou e estabeleceu como lar.

4 FILHO DA RUA

Inspirada nos fatos da vida dos marginalizados e suas experiências diárias, Conceição Evaristo desnuda, em sua obra, situações muitas vezes silenciadas ou ignoradas pela sociedade. No conto “Di Lixão”, a autora traz à baila a triste realidade de crianças em situação de rua, ainda tão presente no cotidiano brasileiro contemporâneo.

Omar da Silva Lima aponta, no artigo intitulado “Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente” (2017, p. 8), que o conto “Di Lixão” “foi inspirado em uma conversa [entre Evaristo] com um menino vendedor de amendoim que, se referindo a uma pedrada recebida por seu irmão, jurava vingança [...]”.

Diante disso, a narrativa gira em torno da história de Di Lixão, um menino de rua que em uma manhã é acometido por uma forte dor de dente causada por um pequeno tumor que há semanas aparecera em sua boca. Enquanto suas derradeiras forças são ceifadas pela dor latejante, o menino rememora pessoas e acontecimentos que permearam sua breve vida. Entre medos e abandonos, as dolorosas lembranças de Di Lixão, unidas às dores físicas, culminam em uma morte precoce.

Di Lixão, assim como dezenas de crianças brasileiras na mesma condição, antes de viver vagando pelas ruas, morava com sua mãe em um barraco na favela. Ela, apesar de não lhe depositar maiores cuidados ou grandes afeições maternas, ainda arriscava um ou outro conselho, como demonstra o seguinte trecho da obra: “Di, vai para a escola! Di, não fala com meus homens! Di, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu

caminho!” (EVARISTO, 2015, p. 78). No entanto as palavras pareciam não causar qualquer efeito no menino: “não gostava mesmo da mãe [...] Puta safada que vivia querendo ensinar a vida para ele. Depois, pouco adiantava. Zona por zona, ficava ali mesmo[...]” (EVARISTO, 2015, p. 78). E assim ganhara as ruas.

A estudiosa Clarice Cohn, em *Antropologia da criança* (2005, p. 32), adverte que “[...] o que define essas crianças [em situação de rua] não é necessariamente a falta de família ou de vínculo familiar, mas a circulação, não se fixar em lugar nenhum”. Nessa perspectiva, desbravar as ruas pode expressar para essas crianças e adolescentes o ensejo por liberdade, autonomia e aventura, sem ponderar as consequências ou os riscos de suas escolhas. Como resultado disso, crescem à deriva e sem instruções. Ficam expostos aos perigos e danos que a vida nas ruas oferece.

Di Lixão, nos últimos momentos de sua vida, rememora experiências de outrora; em suma, traumáticas e dolorosas. São suas lembranças que nos dão pistas de como foram seus anos anteriores. Por intermédio delas ficamos a saber sobre os seus relacionamentos, alguns acontecimentos e pessoas que percorreram sua história. Essas relações e vivências evidenciam os sentimentos que ele nutriu tanto com os outros, quanto com os espaços pelos quais transitou.

Intentamos dizer que as experiências vivenciadas pelo menino Di Lixão perpassam, sobretudo, relacionamentos que (não) cultiva, a saber: a mãe, o companheiro de rua e todo o espaço. Assim, nas palavras de Paul Ricouer:

O sentimento é [...] sem dúvida intencional: é um sentimento por “alguma coisa” - o amável, o odioso, [por exemplo]. Mas é uma estranha intencionalidade: por um lado indica qualidades sentidas *quanto* às coisas, *quanto* às pessoas, *quanto* ao mundo, e por outro manifesta e revela a maneira pela qual o Eu é afetado intimamente. [No sentido] uma intenção, e uma afeição coincidem em uma mesma experiência. (RICOUER, 1967, p. 127, grifos do autor)

É, pois, na rua e na situação de deslocado que Di Lixão materializa seus sentimentos, dada a vulnerabilidade que encontra em situações desde sempre fragmentadas. No que tange à família e aos espaços, rememora, a partir da terrível dor de dente, a imagem da mãe:

O dente latejou espalhando a dor por todo o céu da boca. [...] Numa fração de segundos recebeu um pontapé nas suas partes baixas. *Abaixou desesperado, segurando os ovos-vida. E foi se encolhendo, se enroscando até ganhar a posição de feto.* Pela primeira vez, depois de tudo, se lembrou da mãe. (EVARISTO, 2018, p. 78, grifo nosso.)

O sofrimento pela dor refaz o percurso da própria vida, uma vez que, a partir dela, Di Lixão corporifica a posição de feto, o que figura a própria maternidade que para ele não tem sentido. Para o *Dicionário de símbolos*, o feto, enquanto embrião, “simboliza a potencialidade, o estado de não-manifestação; mas também simboliza a soma das potencialidades de ser” (CHERVALIER; GHEERBRANT, 2016, p. 365). Assim, nessa condição de dor, o menino volta ao estado primeiro da vida.

Devemos destacar também que é nesse momento que Di Lixão expressa os sentimentos pela mãe, principalmente, a aversão à imagem dela, o que nos leva a refletir sobre as palavras de Tuan acerca do lugar que a mãe ocupa para a criança no seu desenvolvimento e demais sentimentos: “[...] A criança desenvolve uma sensação da realidade por meio da associação íntima com os adultos, em especial com a mãe. A mãe é o objeto familiar e base de sustentação a partir da qual a criança se aventura para o futuro, para estabelecer os limites do seu mundo” (TUAN, 2005, p. 5). O que não coaduna com a visão do menino Di Lixão, como podemos perceber na passagem:

Pela primeira vez, depois de tudo, se lembrou da mãe. Ainda bem que aquela puta tinha morrido! [...] Não gostava mesmo da mãe. Nenhuma falta ela fazia. Não aguentava a falação dela. Di, vai para a escola! Di, não fala com meus homens! Di, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho! Puta safada que vivia querendo ensinar a vida para ele. Depois, pouco adiantava. Zona por zona, ficava ali mesmo. Lá fora, o outro mundo também era uma zona. (EVARISTO, 2015, p. 78).

Assim, para Di Lixão, a mãe não simboliza um lugar, como propõe Tuan. O menino sente-se melhor com a morte da mãe, e, pela ausência de sentimentos de segurança, ela figura mais um não-lugar, ou seja, há ausência de sentimentos que estabeleçam uma relação existencial entre ambos. Percebemos isso, sobretudo, quando o menino se expressa sobre a morte da mãe: “Sabia quem tinha matado a mãe. E daí? O que ele tinha com isso?” (EVARISTO, 2015, p. 78), quando evidencia preocupação maior com a identidade do assassino do que com a simbologia da própria mãe.

Outra relação cingida pelo menino dialoga com o espaço em que ora vive, uma vez que convive com outro menino de rua na mesma condição de deslocado social, o que nos impele a pensar sobre a infância. Cohn (2005, p. 32) tece alguns comentários sobre as crianças que vivem na rua: “[...] vê-se que essas crianças engajam-se ativamente na constituição de laços afetivos e de relações sociais em todos os espaços pelos quais circulam”. Vale ressaltar que, novamente, para Di Lixão essa constituição de laços torna-se mais

fragmentada, muito embora a presença do companheiro de rua seja mais aceitável do que a memória da mãe:

Pensou no colega de quarto-marquise. O menino havia sido mais esperto do que ele. Fugira. Ganhara o mundo. [...]. Às vezes conversavam muito. Falavam de tudo. Até de um pai, menos da mãe. Di Lixão achava que a história da mãe do outro devia parecer com a da sua mãe. *Ele não sabia se gostava ou não do menino*. Tinham quase a mesma idade. O menino, apesar de pequeno, tinha quatorze anos. Ele, no mês anterior, num dia qualquer, tinha feito quinze. (EVARISTO, 2015, p.78, grifo nosso)

Assim, depreendemos que o menino nunca viveu aquilo que é inerente à infância, dadas as ausências em todos os âmbitos de sua vida. A única imagem que mais o caracteriza é a própria rua e, portanto, o seu lugar, inclusive nesse momento de extrema dor: física, simbólica e social. Sobre isso concordam Claudia Letícia Gonçalves Moraes e Fernanda Ferreira Souza quando, nas narrativas de *Olhos d'água*, há “uma ênfase das características do duro cotidiano desta representativa parcela da população: a rotina de violência, privações impossibilitadas de viverem uma vida com paz” (2019, p.105).

Compreendemos, depois de todo esse resgate de Di Lixão, que os sentimentos topofílicos são expressos na rua, o que a eleva à condição de lugar. Tal dialética quanto à expressão do lugar é percebida pelo fato de as pessoas, em situação de deslocamento, romperem com a homogeneidade dos centros urbanos, como é o caso do conto: o que é para maioria não-lugares ou lugares-sem-lugaridade, para os moradores de rua, é lugar e, mais do que isso, emanam das ruas qualidades que fazem os moradores criar laços de enraizamento, vide, principalmente, o lugar-morte do menino Di Lixão.

Quando, nas últimas forças vitais, o menino nos revela seus derradeiros pensamentos, ficamos a conhecer os questionamentos e temores que o assombravam naquele findar da vida:

As partes de baixo de Di Lixão doíam. O dente continuava a latejar. Será que ele ia morrer? Será que a dor de cima ia se encontrar com a dor de baixo? Será que o encontro seria uma dor só? [...] Dor de dente matava? Não sabia. Sabia, porém, que ia morrer. Mas isto também como a morte da mãe, pouca importância tinha. Onde estava o desgraçado do outro? Só não queria morrer tão sozinho. (EVARISTO, 2018, p. 78-79).

A partir do trecho supracitado, podemos depreender os conflitos de Di Lixão a respeito da morte. Percebemos a fragilidade e a fragmentação de sua consciência de mundo quando não encontra respostas para perguntas triviais, como os riscos de uma dor de dente. Esse fator demonstra a falta de instruções e cuidados que a vida na rua resguarda para os que nela vivem. Embora a concepção da morte, para o menino, aconteça de forma conflitante, ele

tem certeza dela. Entretanto, essa convicção também expressa a insignificância que sente por si próprio e sua existência, bem como pelos sentimentos cultivados pela mãe e a não importância sobre sua morte.

Esse fragmento do texto sugere também as fragilidades do menino. Podemos notar mais uma vez sua aversão ao abandono, já que “só não queria morrer tão sozinho” (EVARISTO, 2018, p. 78), e, enfim, a sensação de medo. Tuan, em *Paisagens do medo* (2005, p. 10), esclarece:

O que é o medo? É um sentimento completo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e de ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente, e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação.

Di Lixão é uma criança, mas o que o difere das demais é a sua condição de deslocamento, suas experiências de vida que foram responsáveis por contribuir para a fragmentação de seu ser. Sem eufemismos, Evaristo entrega o veredito ao pobre menino e estabelece como clímax de sua obra a morte de Di Lixão:

Fez um esforço. Sentou. Pegou a bimbina dolorida e fez xixi. Assustou-se. Estava urinando sangue. Passou a língua no canto da boca. O carocinho latejou. Num gesto coragem-desespero levou o dedo em cima da bola de pus e apertou-a contra a gengiva. Cuspiu pus e sangue. Tudo doía. A boca, a bimbina, a vida [...] Deitou novamente, retomando a posição de feto. Já eram sete horas da manhã. Um transeunte passou e teve a impressão de que o garoto estava morto. Um filete de sangue escorria de sua boca entreaberta. Às nove horas o rabeção da polícia veio recolher o cadáver. O menino era conhecido ali na área. Tinha mania de chutar os latões de lixo e por isso ganhara o apelido. Sim! Aquele era o Di Lixão. Di Lixão havia morrido. (EVARISTO, 2015, p. 80)

Os terrores de Di Lixão vieram sobre ele e o que mais temia lhe aconteceu: suas dores se encontraram, todas elas, as físicas e as da alma, um encontro que resultou em seu fim. A trágica morte foi apenas a culminância de uma vida infeliz permeada de descaso e abandono. Morreu ali mesmo na rua, no lugar a que sempre pertencera, o único espaço disponível que lhe fora imputado e, conseqüentemente, o único a que se sentiu pertencente: as margens.

O trecho supracitado menciona que o menino era conhecido naquela área, contudo até mesmo a única afirmação de sua identidade e reconhecimento pelos outros está ligada ao estigma de sua condição relegada, pois era conhecido por chutar latões de lixo e não por nenhuma outra característica que atestasse sua humanidade ou subjetividade. Como havia previsto, sua existência reduziu-se à insignificância.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceição Evaristo é notadamente umas das escritoras mais influentes na expressão da literatura negra brasileira contemporânea, uma vez que, em sua tessitura textual, há lugar para quem foi historicamente colocado à margem. O lugar do subalterno, do negro, da mulher, tem centralidade na sua produção. Assim, vozes que nunca foram ouvidas são trazidas à tona na sua literatura.

Em se tratando do marginalizado, Evaristo denuncia no mundo da arte literária as doenças sociais que assolam os grandes centros urbanos. Nesse contexto, o mundo vivido à margem é visto pelo ponto de vista do próprio deslocado, que sofre as pressões sociais das massas e da alta classe social, incidindo, portanto, nos seus textos falas que, como diria Dardel (2015), “afetam carne e sangue”.

Assim, Di Lixão figura a imagem de muitos outros meninos de rua que, desde seus nascimentos, vivem em situação de vulnerabilidade. Esse personagem rememora toda sua curta vida precária e traumática minutos antes de sua morte, inclusive, morte que teria sido evitada quando do acesso a um posto de saúde. A dor de dente foi a causa da derrocada, em um lugar que, para ele, servia de enraizamento: a rua. Sua concepção sai da visão humana da figura materna e desloca-se para a visão social da rua, por isso, filho da rua.

Na ausência de uma família, Di Lixão, esse menino sem nome social e sem registro de nascimento, não existiu oficialmente, mas sua ontologia estava na rua, na dor, na morte, seu fim trágico, que mostra a realidade polifônica desse mundo pós-moderno. É o lugar da morte, o lugar do excluído no conto, talvez por isso “não queria morrer tão sozinho” (EVARISTO, 2015, p. 79), já que a vida não lhe bastava.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COUTINHO, Ana Paula. Espaços dos que não têm lugar: uma geografia da exiliência. In: COUTINHO, Ana Paula, VILAS-BOAS, Gonçalo; SILVA, Jorge Bastos da; OUTEIRINHO, Maria de Fátima; LAUREL, Maria Hermínia (Orgs). **Espacialidades**: revisões do espaço na

literatura. Porto: Editora da Universidade do Porto/Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2018.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: a natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Org: Marcos Antônio Alexandre. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

_____. **Olhos d'água**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

LIMA, Omar da Silva. Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente. In: **Literafro**: o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/194-conceicao-evaristo-escritora-negra-comprometida-etnograficamente-critica> > acesso em: 31 de setembro de 2019.

MORAES, Claudia Letícia Gonçalves; SOUZA, Fernanda Ferreira. Desigualdade social e violência na literatura negra brasileira: uma análise da infância perdida em contos de Conceição Evaristo. Revista **Kwanissa**, São Luís, n. 3, p. 99-114, jan/jun, 2019.

OLIVEIRA, Livia de. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR; Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RICOEUR, Paul. **Fallible Man**: philosophy of the Will. Chicago: Henry Regnery Co, 1967.

SILVA, R. F. Entre o literário e o existencial, a “escrevivência” de Conceição Evaristo na criação de um protagonismo feminino negro no romance Ponciá Vicênci. In: **Revista Entreletras**: Araguaína/TO, v. 8, n. 1. 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.